



CÂMARA MUNICIPAL DE CAMPINAS



RESOLUÇÃO N.º 359, DE 8 DE AGOSTO DE 1966
Concede o Título de Cidadão Campineiro ao
general Arthur Costa e Silva.

A MESA DA CÂMARA MUNICIPAL DE CAMPINAS FAZ
PUBLICAR A SEGUINTE RESOLUÇÃO:

A CÂMARA MUNICIPAL DE CAMPINAS RESOLVE:

Artigo 1.º — Fica concedido o título de cidadão campineiro ao General Arthur Costa e Silva, como testemunho de gratidão do povo campineiro ao autêntico defensor das instituições democráticas em nosso país.

Artigo 2.º — Ao homenageado será entregue um pergaminho contendo a íntegra desta Resolução.

Artigo 3.º — Esta Resolução entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Câmara Municipal de Campinas, aos 8 de agosto de 1966.

DR. ROMÉU SANTINI — Presidente

JOSE ANTONIO REZZE — 1.º Secretário

JULIO DA SILVA BATISTA — 2.º Secretário.

Publicada na Secretaria da Câmara Municipal de Campinas, aos 8 de agosto de 1966.

DR. ROQUE MARCO GATTI — Secretário Geral.

AVENIDA PRESIDENTE COSTA E SILVA

DECRETO Nº 4976 DE 28-10-1976



XXXV — RUA DOS IBITURAMAS — a Rua 35 que tem início à Rua 1 e término no encontro das Ruas 6 e 26.

XXXVI — RUA DOS IGUÁS — a Rua 36 que tem início à Rua 16 e término na Rua Pascoal Note.

XXXVII — RUA DOS JAMARIS — a Rua 37 que tem início à Rua 6 e término à Rua 16.

XXXVIII — RUA DOS JURUPIS — a Rua 38 que tem início à Rua 1 e término à Rua 4.

XXXIX — RUA DOS GÊS — a Rua 39 que tem início à Rua 21 e término à Rua 22.

XL — RUA DOS MARACATINS — a Rua 40 que tem início à Rua 1 e término à Rua 42.

XLI — RUA DOS NHAMBIQUARAS — A Rua 42 que tem início à Rua 45 e término à Rua Quintino de Paula Maudonet.

XLII — RUA DOS PIRATININS — a Rua 43 que começa na Rodovia Campinas-Barão Geraldo e término no início da Avenida 1.

XLIII — RUA DOS PARECIS — a Rua 44 que tem início no balão existente no início da Avenida 1 e término na Rodovia Campinas-Barão Geraldo.

XLIV — RUA DOS PACAÁS — a Rua 45 que tem início à Rua 41 e término à Rua 42.

XLV — AVENIDA PRESIDENTE COSTA E SILVA — Avenida 1 que tem início no balão de confluência das Ruas 40, 41, 43 e 44 e término na Rua 37 do mesmo loteamento.

XLVI — AVENIDA VASCO DA GAMA — a Avenida 2 e Rua 65 que tem início na Rua 34 e término na Rua Pedro Vieira da Silva.

ARTIGO 3.º — Ficam denominadas as vias públicas da VILA MIGUEL VICENTE CURY:

I — RUA DOS TOCAÚNAS — a Rua 1 que tem início à Rua 28 e término à Rua 20 do mesmo loteamento.

II — RUA DOS QUINIMURÁS — a Rua 2 que tem início à Rua 28 e término à Rua 20 do mesmo loteamento.

III — RUA DOS SERIMÁS — a Rua 3 que tem início à Rua 28 e término à Rua 23 do mesmo loteamento.

IV — RUA DOS TUPINAMBÁS — a Rua 4 que tem início à Rua 22 e término à Rua 9 do mesmo loteamento.

V — RUA DOS TAPUIAS — a Rua 5 que tem início à Rua 22 e término à Rua 9 do mesmo loteamento.

VI — RUA NICOLAU CERONE — a Rua 6 continuação que tem início à Rua 28 e término à Rua 23 da Vila Miguel Vicente Cury.

VII — RUA DOS TAPAJÓS — a Rua 7 que tem início à Rua 28 e término à Rua 5 do mesmo loteamento.

VIII — RUA DOS TUPINIQUINS — a Rua 8 que tem início à Rua 28 e término à Rua 9 do mesmo loteamento.

IX — RUA DOS TUPINÁS — a Rua 9 que tem início à Avenida 1 e término à Rua 31 do mesmo loteamento.

X — RUA DOS TAMOIOS — a Rua 10 que tem início à Rua 30 e término à Rua 31 do mesmo loteamento.

XI — RUA DOS UAPÊS — a Rua 11 que tem início à Rua 23 e término à Rua 14 do mesmo loteamento.

XII — RUA DOS UANANAS — a Rua 12 que tem início à Avenida 1 e término à Rua 13 do mesmo loteamento.

XIII — RUA DOS UAPIXANÁS — a Rua 13 que tem início na Avenida 1 e término à Rua 31 do mesmo loteamento.

XIV — RUA DOS UANUARÊS — a Rua 14 que tem início à Rua 10 e término à Rua 11 do mesmo loteamento.

XV — RUA DOS VOTORÓES — a Rua 15 que tem início à Rua 31 e término à Rua 9 do mesmo loteamento.

XVI — RUA DOS PAMARIS — a Rua 16 que tem início à Rua 31 e término à Rua 9 do mesmo loteamento.

XVII — RUA DOS BOCUÊS — a Rua 17 que tem início à Rua 31 e término à Rua 9 do mesmo loteamento.



Breve biografia do Marechal Costa e Silva

Flávio Galvão

AGÊNCIA S.I.D. — O marechal Artur Costa e Silva, ex-ministro da Guerra é um dos chefes da Revolução democrática de 31 de março de 1964, a qual opôs um dique à maré subversiva que se espraiava sobre o País e iniciou a obra de saneamento do Brasil, nasceu em Taquari, Estado do Rio Grande do Sul, a 3 de outubro de 1902. Assim, no dia em que foi eleito presidente da República, para suceder ao marechal Castelo Branco, estará completando 64 anos de idade. Seu pai, Aleixo Rocha da Silva, era comerciante naquela cidade gaúcha e sua mãe foi a Almerinda Mesquita da Costa e Silva.

Taquari é uma das mais antigas cidades do Rio Grande do Sul, fundada em 1764, ao longo do rio Taquari, e destinou-se, inicialmente, a abrigar o primeiro núcleo de casas açorianas. As primeiras atividades dos colonos foram no setor agrícola, mas depois passaram eles à pecuária e a outros ramos de atividades. No último quartel do século XVIII, Taquari era uma grande produtora de trigo e recebeu o título de "cidade açoriana da América Portuguesa". No cenário gaúcho, Taquari assistiu a lutas civis, tendo sido teatro da Revolução Farroupilha, de 1835 a 1845, da qual participou, como figura de primeiro plano. David Canabarro, filho da cidade, que ali teve como opositor o Barão de Antonina, João da Silva Machado, de origem açoriana e coronel honorário do Exército Imperial. Em Taquari, existe, ainda, a casa em que nasceu hoje propriedade de terra de suas irmãs e que foi visitada pelo marechal, ao inicial suas viagens, pelo Brasil, como candidato presidencial.

O marechal Artur Costa e Silva é o segundo de 7 filhos, precedendo-o o de nome Antonio, e seguindo-se-lhe Riograndino, Emanuel, Romualdo, Sofia e Amélia. Não é o único militar da família, pois também Riograndino — que com ele se parece extraordinariamente — seguiu a carreira das armas e é hoje general na reserva.

Primeiramente, o marechal frequentou o Colégio Militar de Porto Alegre, de onde se transferiu para a Escola Militar do Realengo, que cursou de 22 de abril de 1918 a 17 de janeiro de 1921. No Colégio,

foi clarinetista da fanfarra. Mais tarde, fez a Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, de 30 de abril a 20 de outubro de 1930, classificando-se em primeiro lugar na arma de Infantaria; a Escola de Estado-Maior, de 21 de março de 1936 a 23 de dezembro de 1938; o Curso Técnico da Escola de Motomecanização.

Fez, ainda, curso nos Estados Unidos — Curso Avançado de Blindados, em Fort Knox, Estado de Kentucky ("Armor Officer Career Course", da "Army Armor School").

CARREIRA MILITAR

Sua carreira militar pode ser assim sintetizada: verificou praça em 14 de março de 1918, ao entrar na Escola do Realengo; foi declarado aspirante a oficial do Exército, arma de Infantaria, a 18 de janeiro de 1921, na mesma turma a que pertence o marechal Humberto de Alencar Castelo Branco; 2.º tenente, a 11 de maio de 1921; 1.º tenente, a 31 de outubro de 1922; capitão, a 15 de agosto de 1931; major, a 24 de maio de 1937; por merecimento, a 25 de dezembro de 1944, também por merecimento; general-de-brigada, a 2 de agosto de 1952; general de divisão a 25 de abril de 1958; e general-de-exército, a 25 de novembro de 1961.

Homem de tropa, quase sempre esteve em postos de comando na tropa, tendo exercido, entre outros, os seguintes comandos: da Escola de Motomecanização; do 9.º R.I. de Pelotas, do Núcleo da Divisão Blindada no Rio; da ID/2 em Caçapava, Estado de São Paulo; da 2.ª D.I. na capital paulista; da 3.ª Região Militar em Porto Alegre; do IV Exército, em Recife.

Nos dias da Revolução, a 3 de abril de 1964, foi o comandante-chefe do Exército brasileiro e, a partir de 4 de abril, ministro da Guerra, posto de que se afastou há meses, quando se transferiu para a reserva, depois de escolhido pela Aliança Renovadora Nacional, em convenção, direto presidencial de 3 de para concorrer ao pleito em outubro.

Durante 2 anos e 5 meses foi adido à embaixada do Brasil em Buenos Aires.

Destacou-se também como instrutor em muitos dos estabelecimentos de ensino militar, desde a antiga Escola de Sargentos, passando pela Escola Militar, até a Escola de Estado-Maior.

REVOLUCIONÁRIO DE 22

Foi revolucionário nos idos de 1922. Combateu com o 2.º tenente Frederico Cristiano Buyz, comandante da 7.ª Companhia do 1.º Regimento

de Infantaria, que tentou levantar a Vila Militar na madrugada de 5 de julho. Malogrou a tentativa, em que foi morto um capitão legalista, tendo sido presos o tenente Duyz e seus companheiros, entre eles o 2.º tenente Costa e Silva, e recolhidos ao navio "Alfenas", transformado em presidio. Foi então que conheceu sua esposa, d. Yolanda, filha de um oficial residente na Vila Militar de Deodoro, a qual o visitava semanalmente no "Alfenas". Data daí o namoro que terminou em casamento.

Em 1923, aguardando o desfecho do processo em que se envolvera era companheiro de pensão no Rio, de Jurez Tavora. Então, sob o pseudônimo de Raul Dalva, passou a colaborar no jornal "O Imparcial", percebendo 50 mil réis por crônica.

Absolvido, prosseguiu na carreira militar.

MOVIMENTO DE MARÇO

Em março de 1964, ao eclodir a Revolução, chefiava o Departamento de Provisões e Obras do Ministério da Guerra. Como oficial de-exército mais antigo em serviço no Rio assumiu o comando do Exército e, com o almirante Rademaker e com o brigadeiro Correia de Melo, formou o Supremo Comando da Revolução. Com a edição do Ato Institucional, a presidência da República foi confiada ao marechal Castelo Branco, a quem passou a servir como seu ministro da Guerra.

Nos pronunciamentos que fez ao percorrer o Brasil, antes de sua eleição, travando contacto com as lideranças locais e informando-se pessoalmente dos principais problemas e reivindicações regionais, o marechal Costa e Silva reiteradamente anunciou o prosseguimento da Revolução, em seu governo, não deixando duvida alguma no tocante a sua intransigente oposição a corruptos e subversivos.

Por isso mesmo, passou a encarnar a "linha dura", que se considera frustrada pela política de contemporização que o marechal Castelo Branco terminou adotando, e representa, pois, uma esperança para os revolucionários autênticos que desejam acelerar o progresso e o desenvolvimento nacional em todos os setores, mas sob um regime de moralidade administrativa, de austeridade financeira e de efetiva democracia, liquidados de uma vez os corruptos e os subversivos.

IMAGEM

As viagens que o marechal empreendeu por todo o País, durante meses, antes do dia 3 de outubro, serviram para popularizá-lo, também, como

homem. Numerosos traços de seu caráter ficaram então bem evidentes.

O marechal Costa e Silva é um excelente chefe de família, dedicado à esposa, d. Yolanda Costa e Silva, e aos três netos, filhos do coronel Alcio Costa e Silva, seu único filho e que há pouco deixou o serviço ativo, transferindo-se para a reserva. O mais velho dos netos tem o seu nome.

É o marechal Costa e Silva homem extremamente bem humorado, e, embora impetuoso e de decisão rápida, raramente se irrita. Grangeia

amigos com facilidade. Não é de seu temperamento alegre, bonachão, tendo sempre para todos uma palavra amiga, uma referência carinhosa.

É conhecido por sua dedicação aos amigos, aos quais procura auxiliar mesmo quando lutando em campos opostos. Pessoalmente corajoso, não se intimida facilmente, como deu recente prova pública por ocasião do atentado sangrento do aeroporto de Guararapes, em Recife. No fim da tarde daquele dia em que escapou às bombas terroristas, o marechal Costa e Silva, acompanhado de qualquer guarda, compareceu ao sepultamento de uma das vítimas, em um cemitério de Recife, carregando o caixão no meio do povo. Em todas as capitais estaduais em que esteve sempre se irritou com exageradas providências de segurança, exigindo com frequência, que fossem reduzidas a um mínimo. Também deu provas da sua coragem pessoal na chamada rebelião dos bombeiros de São Paulo, durante o governo do prof. Carvalho Pinto, quando comandava a 2.ª Divisão de Infantaria.

Esta é, a largas pinceladas, a imagem que o marechal Costa e Silva formou entre o povo. Deve-se aduzir, ainda, que significativamente, em torno de sua candidatura se aglutinou o que há de melhor no Exército, do ponto de vista da Revolução democrática.

CONDECORAÇÕES

Ostenta o marechal Costa e Silva numerosas condecorações entre as quais a Medalha Militar (passador de platina), a Medalha de Guerra, a Medalha do Pacificador, a Medalha Marechal Hermes Aplicação e Estudos com 1 coroa (Escola do Realengo), a Medalha Marquês de Tamandaré (Colégio Militar), a Ordem do Mérito Militar (grande oficial), a Ordem do Mérito Militar da Argentina (comandador), a Ordem do Mérito Militar do México. É oficial "honoris causa" do Estado-Maior do Exército Argentino.



Costa e Silva
(1902-1969)

O marechal Artur da Costa e Silva nasceu a 3 de outubro de 1902, na cidade de Taquari, Rio Grande do Sul; faleceu no Rio de Janeiro em 1969.

Cursou o Colégio Militar (1912-1917) e a Escola Militar de Realengo, ingressando no Exército, onde foi declarado aspirante de infantaria em janeiro de 1921. Fez cursos na Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, Escola de Estado Maior do Exército, Escola de Motomecanização e, durante permanência nos Estados Unidos, na Armor School de Fort-Knox, Kentucky.

Atingiu o generalato em agosto de 1952 e em 1958 foi promovido a general-de-divisão; em 1961 passou a general-de-exército e em 1966 a marechal.

Em 1922, aliou-se ao movimento rebelde eclodido no forte de Copacabana, no Rio de Janeiro, em consequência do que foi preso e recolhido, por ordem do governo Epiácio Pessoa, ao navio "Alfenas".

Solto, pouco tempo depois, nesse mesmo ano era promovido a 1.º tenente e transferido para a guarnição de Minas Gerais, onde se casou e viveu alguns anos.

Em 1932, serviu na qualidade de capitão integrante do 1.º Regimento de Infantaria Constitucionalista de São Paulo. Durante mais de quatro anos, comandou a Escola de Motomecanização do Exército, na fase em que as Forças Armadas estavam se motorizando.

Foi comandante do 9.º Regimento de Infantaria e chefe do Estado Maior da II Região Militar. Trabalhou como adido militar junto à embaixada do Brasil em Buenos Aires, foi comandante do Núcleo da Divisão Blindada, de Infantaria Divisionária, da II Divisão de Infantaria (São Paulo) e do IV Exército (Nordeste); foi chefe do Departamento-Geral do Pessoal e diretor do Departamento de Produção e Obras.

Juntamente com o marechal Humberto de Alencar Castelo Branco e outros militares, foi um dos fundamentos do movimento de março-abril de 1964, que depôs o presidente João Goulart. Integrou logo a seguir o comando supremo revolucionário e de 4 de abril de 1964 a 30 de junho de 1966 desempenhou o cargo de ministro da Guerra.

Em 1967 foi eleito pelo Congresso Nacional presidente da República, função que assumiu a 15 de março desse ano.

Seu governo procurou dar combate ao processo inflacionário e retomar o desenvolvimento econômico do País.

Em 1969, acometido de grave enfermidade, que o levou à morte, foi substituído no exercício da presidência pelos seus três ministros militares, até que o general Emílio Garrastazu Médici tomou posse a 30 de outubro deste mesmo ano.

(Extraído das páginas 213 e 214 do livro "Biografias de Personalidades Célebres" de autoria da Profa. Carolina Rennó Ribeiro de Oliveira, editado por Livros Irradian-tes S/A., 14a. edição, 1978, S. Paulo).